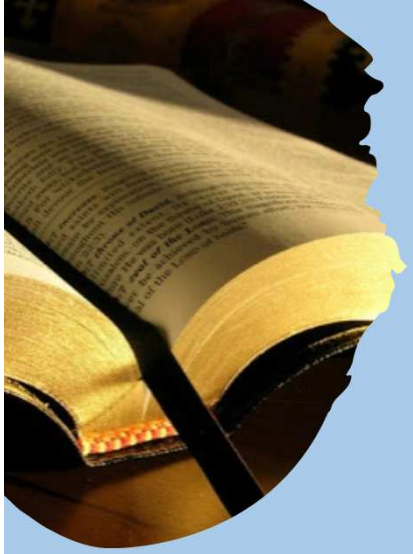


A Bíblia



Aleluia.

A salvação, a glória e o poder ao nosso Deus,

porque são verdadeiros e justos os seus julgamentos.

Aleluia.

Louvai o Senhor nosso Deus, todos os seus servos,

e vós todos os que O temeis, pequenos e grandes.

Aleluia.

O Senhor Deus omnipotente reina em toda a terra:

exultemos de alegria e dêmos glória ao seu nome.

Aleluia.

Chegaram as núpcias do Cordeiro

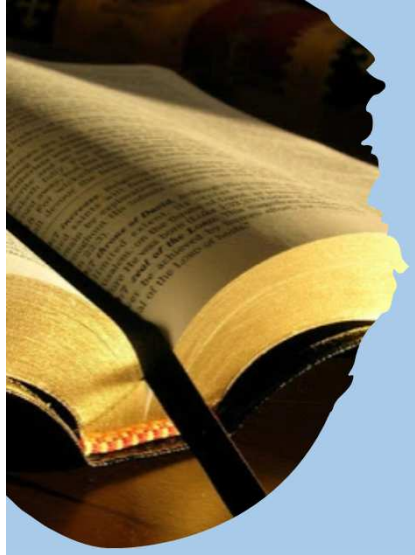
e a sua Esposa está preparada.

Aleluia.

CF. AP 18,1-7

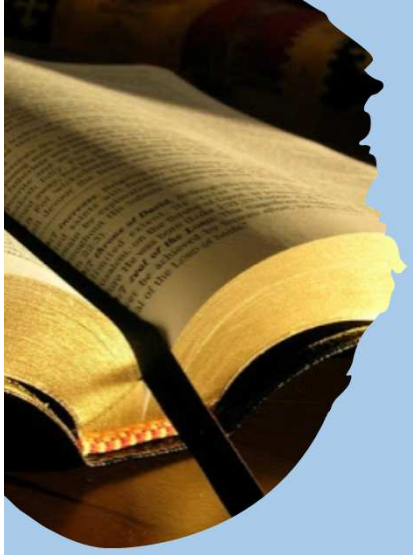


Apocalipse II

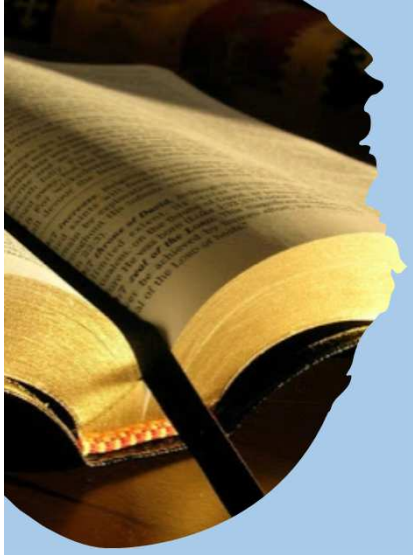


1) Revelação

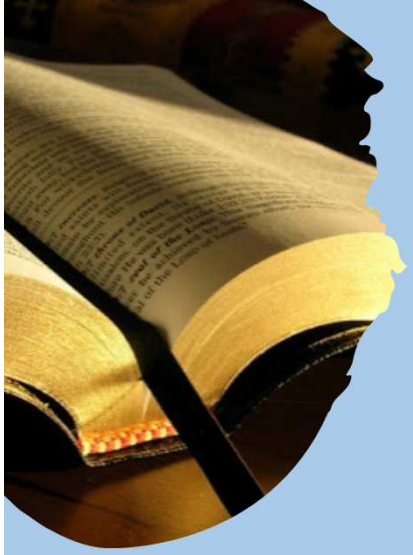
- Apocalipse é um termo grego que significa "revelação". O estilo deste livro é estranho para a cultura ocidental, mas enquadra-se perfeitamente na mentalidade semita.
- As raízes desta literatura encontram-se no Antigo Testamento (Isaías, Zacarias, Ezequiel e sobretudo Daniel), mas também em vários livros judeus que não entraram na Bíblia: Henoc, 2 Esdras e 2 Baruc. Estes últimos já foram escritos depois da destruição do Templo. Foi principalmente nestes livros que se inspirou o autor do Apocalipse de João.



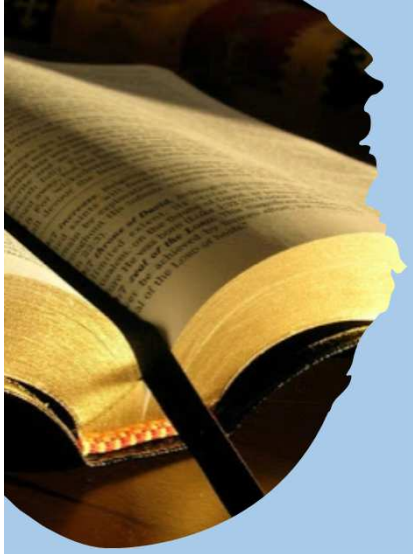
- É uma literatura própria das épocas de crise e de perseguição, em que se procura “revelar” os caminhos de Deus sobre o futuro, para consolar e encorajar os justos perseguidos, dando-lhes a certeza da vitória final.
- Estava-se no “fim dos tempos”, isto é, adivinhava-se uma revolução global, com uma radical mudança no modo de ser e de viver. Para isso, muito contribuiu a decadência do Império Romano e as guerras da Palestina, que levaram à destruição do Templo e de Jerusalém, no ano 70.



- Caracteriza-se por imagens grandiosas e simbólicas, constituídas por elementos da natureza, apresentadas em forma de visões e “explicadas” ao vidente por um anjo. Tais imagens são tiradas do AT, dos apocalipses judaicos, dos mitos e lendas antigas.
- Estas imagens sugerem mais do que descrevem, e grande parte delas nada tem a ver com a realidade. Trata-se de puros símbolos, que podem referir-se a pessoas, animais, números e cores, deixando ao leitor um espaço para alguma criatividade e “inteligência”.



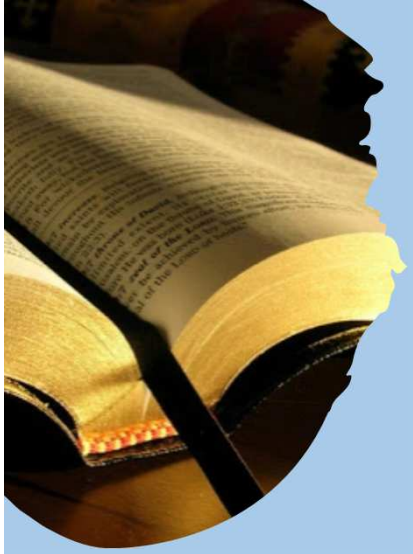
- As visões simbólicas são projetadas no Céu, para dizer que pertencem ao mundo espiritual, da fé e o que nelas se revela acontece também na terra.
- Duas forças antagónicas estão em luta permanente: o Dragão, a possível personificação do império romano no tempo do imperador Domiciano (81-96 d.C.), e o Cordeiro, Cristo Cordeiro pascal, que é o vencedor de todas as forças do Mal.



Poderá visualizar o seguinte link:

https://www.youtube.com/watch?v=eizPQBawrsU

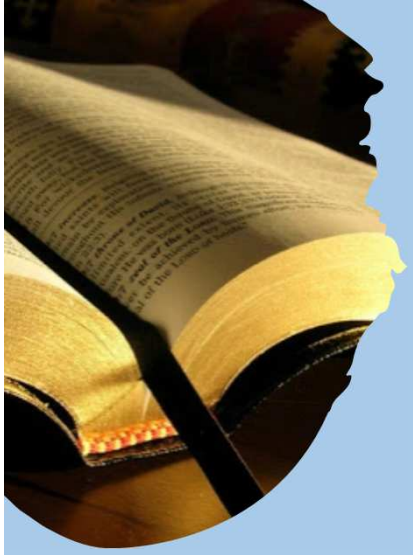
(Atenção: Os vídeos apresentados são brasileiros, e apesar de serem úteis para melhor se entender a Bíblia, não são produzidos por instituições da Igreja Católica, mas de Igrejas Protestantes. Teremos de ter em atenção que alguns livros do Antigo Testamento não estão incluídos na Bíblia Protestante.)



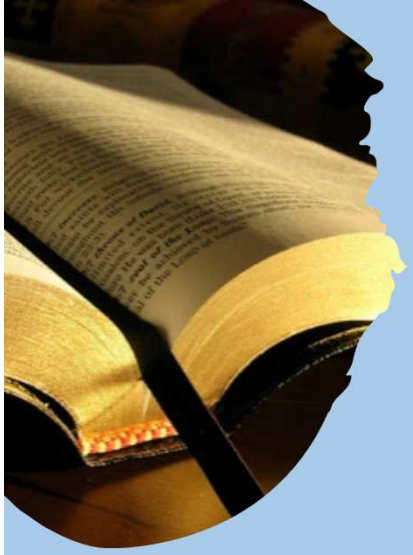
2) A mulher grávida e o dragão

Depois, apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça. Estava grávida e gritava com as dores de parto e o tormento de dar à luz.

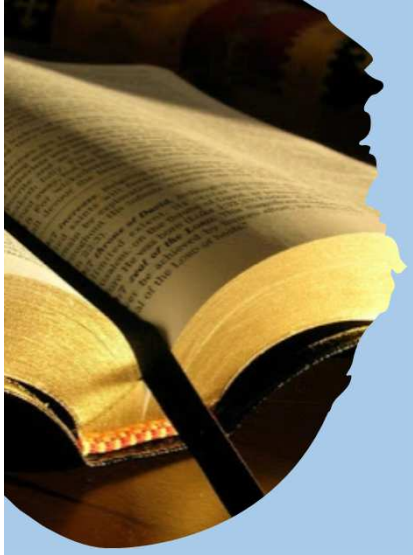
Apareceu ainda outro sinal no céu: era um grande dragão de fogo com sete cabeças e dez chifres. Sobre as cabeças tinha sete coroas e, com a sua cauda, varreu a terça parte das estrelas do céu e lançou-as à terra. Depois colocou-se diante da Mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando ele nascesse.
(Ap 12,1-4)



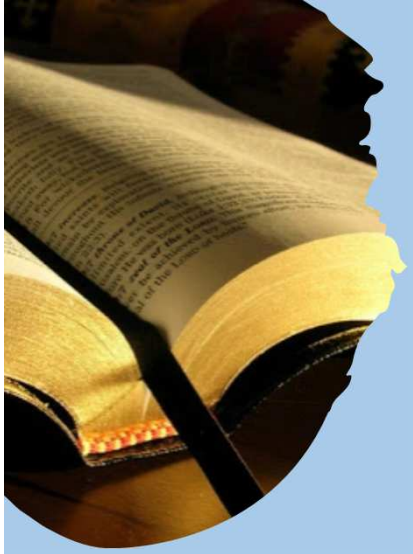
- O Dragão é a versão apocalíptica do Leviatã, o mítico monstro marinho, símbolo do caos e da destruição. Diante dele temos um ser humano literalmente carregado de vida, mas também muito vulnerável: uma Mulher grávida.
- Que possibilidades tem esta Mulher grávida perante a ferocidade do Dragão?
- As doze estrelas sobre a sua cabeça dão-nos a pista para a identificar: ela simboliza o Povo de Deus.



- Só séculos mais tarde se começou a identificá-la com a Virgem Maria; trata-se de uma interpretação com fundamento, pois Maria é quem melhor representa a totalidade do Povo de Deus, o antigo e o novo Israel, mas não é nela que estava a pensar o autor quando escreveu esta passagem.
- O que este texto nos quer dizer é que a Igreja constitui a resposta de Deus ao mal no Mundo.



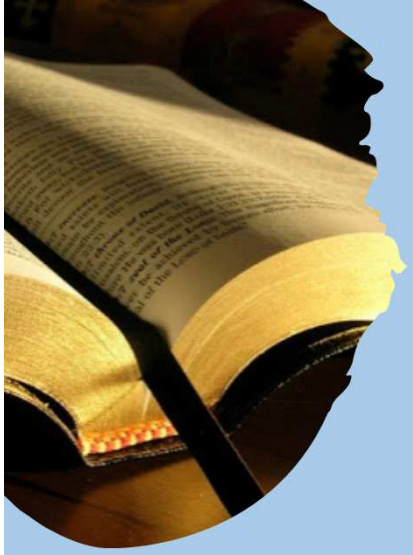
- Os cristãos eram uma minoria sem qualquer poder no império romano, a sua fragilidade diante da ferocidade das forças do mal era mais do que evidente.
- Mas este é, precisamente, o plano de Deus: derrotar o mal não pela força, mas através de uma comunidade não-violenta que dê testemunho de Jesus.



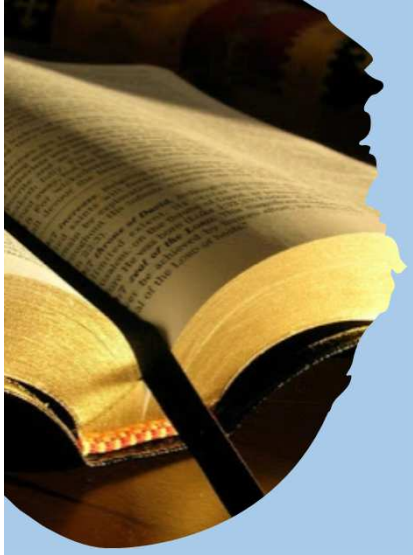
Ela deu à luz um filho varão. Ele é que há-de governar todas as nações com ceptro de ferro. Mas o filho foi-lhe arrebatado para junto de Deus e do seu trono.

E a Mulher fugiu para o deserto onde Deus lhe preparou um lugar, de modo a não lhe faltar aí o alimento durante mil duzentos e sessenta dias.

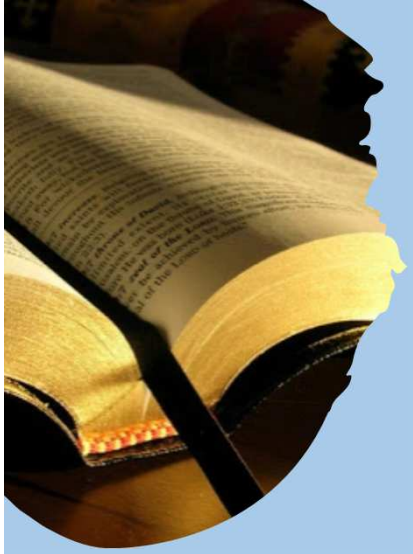
Depois, travou-se uma batalha no céu: Miguel e seus anjos declararam guerra ao Dragão. O Dragão e os seus anjos combateram, mas não resistiram. (Ap 12,5-8a)



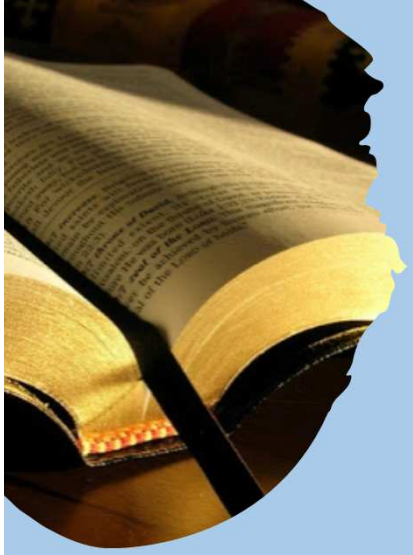
- Este Filho é, obviamente, Jesus. O parto a que se refere o texto não é só o seu nascimento de Maria, mas sobretudo a sua Ressurreição. Jesus é «o primeiro daqueles que ressuscitam dos mortos» *(Cl 1,8; Ap 1,5)*.
- Depois de ressuscitar, Cristo subiu aos Céus, pelo que o Povo de Deus ficou sem a sua presença visível e numa situação precária.
- No Antigo Testamento, o “deserto” é um lugar de sofrimento e purificação, mas também de uma misteriosa proximidade com Deus.



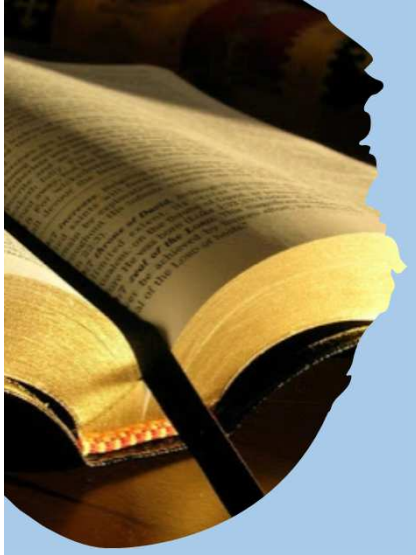
- Os «mil duzentos e sessenta dias» equivalem a três anos e meio de 360 dias. Três e meio, a metade de sete, é um código para indicar que a solidão da Igreja sem o seu Messias, isto é, o tempo até à segunda vinda de Cristo, tem um limite prefixado por Deus.
- Em Daniel, o livro clássico do género apocalíptico, Miguel é apresentado como o anjo defensor de Israel. No Apocalipse, Miguel luta contra o dragão e derrota-o, expulsando-o do Céu.



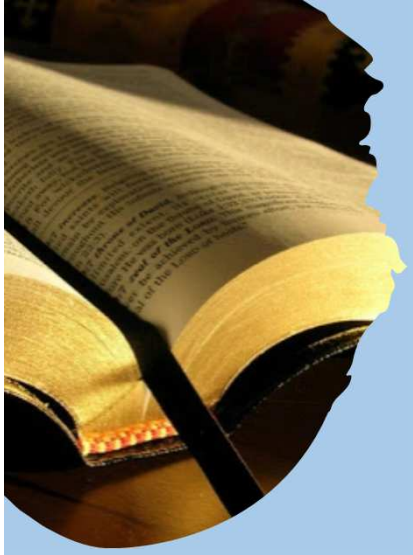
- A imagem significa que o mal foi, fundamentalmente, vencido.
- O plano de Deus de eliminar o mal e instaurar o Reino já tinha sido realizado «no Céu», quer dizer, nos alicerces da realidade, pela morte e Ressurreição de Cristo; não se pode voltar atrás.
- Sem dúvida que a luta contra o dragão ainda não se concluiu, porque expulso do Céu, mas lançado à Terra, suscita duas feras que guerrearão a Igreja e causarão estragos na Humanidade.



- A primeira das bestas sobe do mar e é descrita como «uma pantera; tinha patas de urso e boca de leão» *(Ap 13,2)*. As referências a estes animais ferozes remetem-nos de novo para o Livro de Daniel.
- A besta que sobe do mar, quer dizer, que utiliza o Mediterrâneo como meio de expansão, e que é como uma síntese da brutalidade de todos os impérios do passado, não pode ser outra senão Roma. Para o autor do Apocalipse, o império romano é uma criação do Maligno.



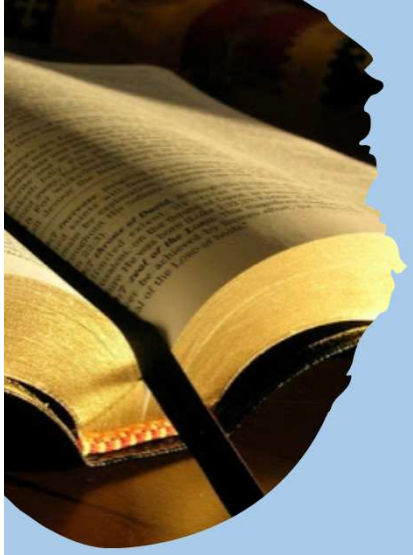
- A segunda besta «tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro, mas falava como dragão. Esta segunda besta exerce toda a autoridade na presença da primeira besta» *(Ap 13,11-12)*.
- A maioria dos comentadores atuais do Apocalipse identifica esta segunda besta com o culto imperial. O império romano, como qualquer outro sistema político, apoiava-se numa ideologia. A crença na divindade dos seus imperadores dava uma legitimidade ao império difícil de contradizer, especialmente floresciam impressionantes templos, dedicados a Octávio Augusto e aos seus sucessores, que celebravam o êxito militar, político e económico de Roma.



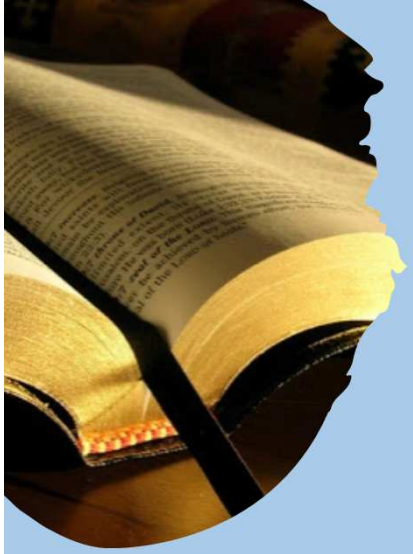
- Neste contexto de denúncia do poderio de Roma, apresenta-se a que pode considerar-se como a mais famosa adivinha de toda a Bíblia:

Aqui é preciso sabedoria: o que é inteligente decifre o número da Besta, que é um número de homem; o seu número é seiscentos e sessenta e seis. (Ap 13,18)

- Segundo a gematria a soma do valor das letras que formam as palavras “Nero César”, em Hebraico NRWN QSR, e “Besta”, é justamente seiscentos e sessenta e seis.



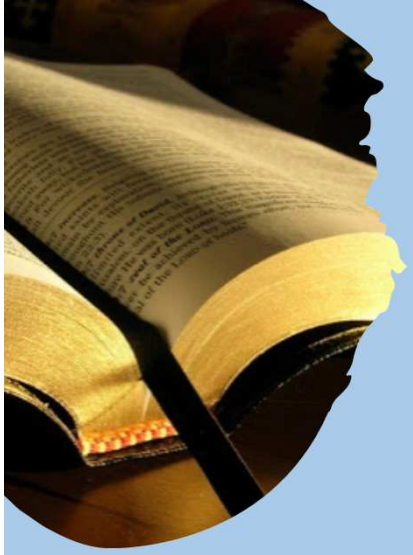
- O Apocalipse foi escrito por um autor cristão da Ásia Menor provavelmente durante a perseguição do imperador Domiciano, nos anos 90 do século I. Escritores romanos daquele tempo, como Juvenal ou Plínio, o Jovem, descrevem Domiciano como um segundo Nero pela sua crueldade.
- Para o autor do Apocalipse, o regime que os persegue, com o seu imperador à frente, é uma besta suscitada pelo próprio Satanás. Este sistema político, que utilizou o culto imperial como propaganda para se legitimar, tem à sua frente um responsável de carne e osso: César.



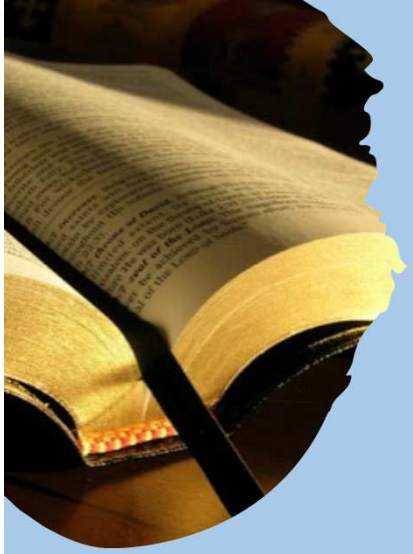
- Face a estas duas bestas aparece outro sinal:

Depois disto, tive esta visão: o Cordeiro estava de pé sobre o monte Sião. Com Ele, os cento e quarenta e quatro mil que traziam a fronte marcada com o seu nome e o nome de seu Pai. (...) Estavam diante do trono, dos quatro seres vivos e dos Anciãos e cantavam um cântico novo. (Ap 14,1.3)

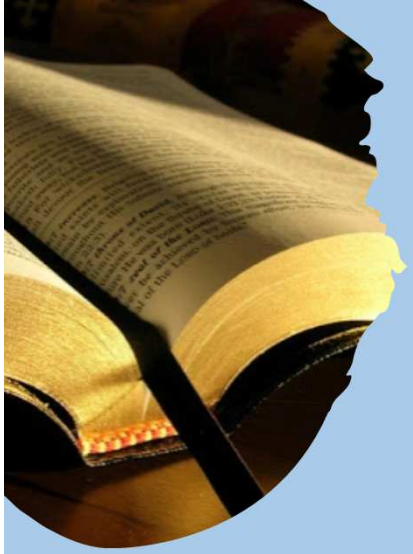
- Cento e quarenta e quatro mil é igual a doze por doze mil. O número representa o Povo de Deus numa impressionante plenitude.



- Frente ao Dragão e às duas bestas, os cristãos entoam «um cântico novo». Esta é a resposta não violenta, mas poderosa da «Mulher grávida» às mentiras e crueldades do império romano.
- Em seguida, três anjos anunciam o que vai suceder *(Ap 14,6-13)*; o segundo deles exclama: «Caiu, caiu Babilónia, a Grande. Aquela que embebedou todas as nações com o vinho do furor da sua prostituição.» *(Ap 14,8)*
- Onde se lê “Babilónia” leia-se “Roma”.

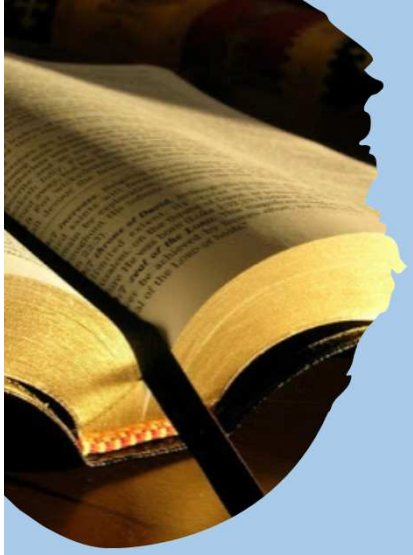


- O autor do Apocalipse representa-a como prostituta, o que lhe permite incidir num outro dos aspetos do poder imperial: o sistema não domina só com a violência, mas também com a sedução.
- Roma cairá antes que se possa inaugurar o Reino de Deus.

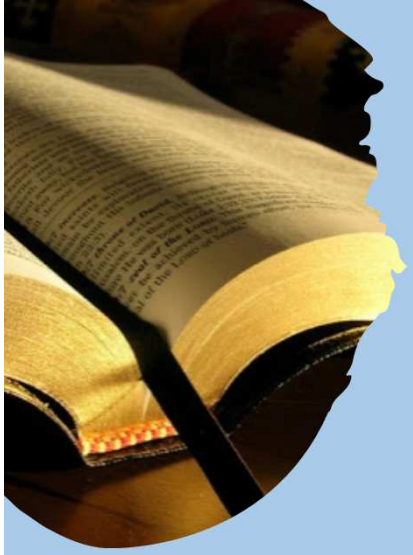


3) Vitória final de Deus e da humanidade

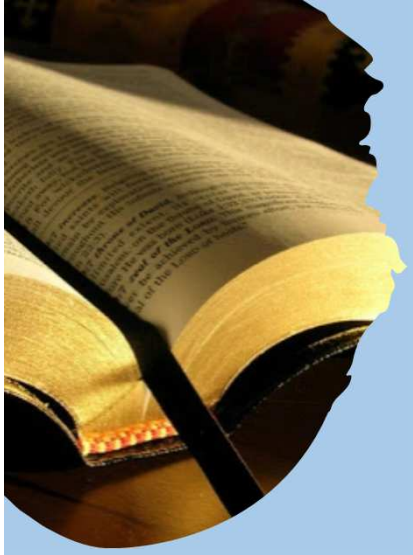
- Os capítulos 15 e 16 descrevem as sete últimas pragas, inspiradas nas dez do Livro do Êxodo.
- Sete anjos carregam «sete taças de ouro cheias do furor de Deus» *(Ap 15,7)* e derramam-nas sobre a Terra. Se as pragas do Egito tinham por objetivo forçar o faraó a deixar partir o povo de Israel, as sete do Apocalipse são o ultimato de Deus para que o império e os seus sequazes mudem de atitude.



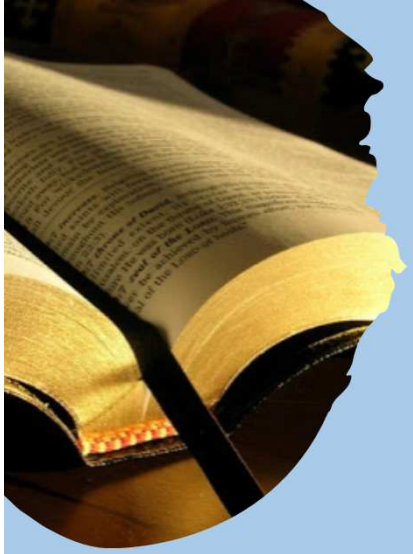
- Por fim, nos capítulos 17 e 18, narra-se a queda de Roma, retratada como a «grande prostituta, que está sentada à beira de muitas águas. Os reis da Terra prostituíram-se com ela. Os habitantes da Terra ficaram bêbedos com o vinho da sua prostituição» *(Ap 17,1-2)*.
- Esta «grande prostituta» sentava-se sobre uma besta escarlate, que tinha sete cabeças *(Ap 17,3)*. Se alguma dúvida havia sobre a sua identidade, o próprio Apocalipse certifica: «As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está sentada» *(Ap 17,9)*. Roma era conhecida como a cidade das sete colinas.



- O império romano extinguiu-se, nisto teve razão o Apocalipse; mas a sua previsão de que a queda do império seria o sinal do final dos tempos não se cumpriu.
- Para o autor do Apocalipse, Roma é o exemplo visível do que o ser humano pode produzir quando adora ídolos em vez de Deus. Quando os poderes político e económico se convertem em fins em si mesmo, em substitutos da divindade, geram monstros: sistemas totalitários que desumanizam.

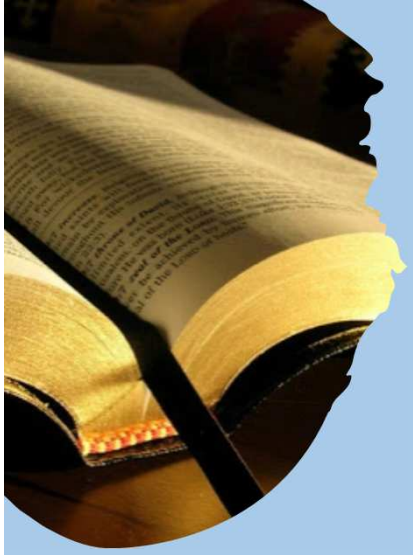


- Este parecer sobre a história é o que tem um valor perene no Apocalipse, assim como a sua mensagem de esperança: Deus nunca abandona os homens à sua própria brutalidade.
- O Apocalipse assegura-nos que, no final dos tempos, de modo definitivo, terminará toda a forma de opressão e chegará o Reino de Deus. Esta é a sua visão final.



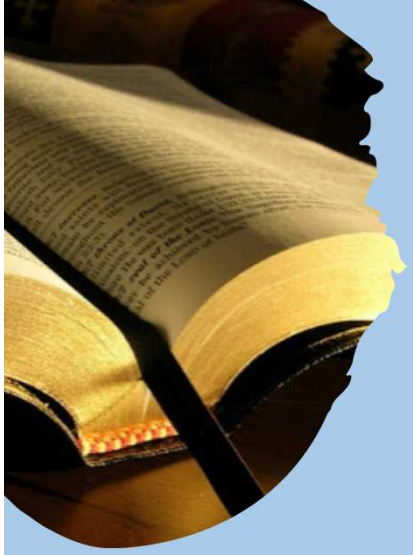
Vi, depois, um novo Céu e uma nova Terra. O primeiro Céu e a primeira Terra haviam desaparecido e o mar já não existia. Vi também descer do Céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, uma Jerusalém nova, pronta como esposa que se enfeitou para o seu marido.

Nisto, ouvi uma voz forte que saía do trono e que dizia: «Esta é a tenda de Deus entre os homens. Ele vai morar com eles. Eles serão o seu povo e Ele, o Deus-com-eles, será o seu Deus. Ele enxugará as lágrimas dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem gritos, nem dor. Sim! As coisas antigas desapareceram!»
(Ap 21,1-4)

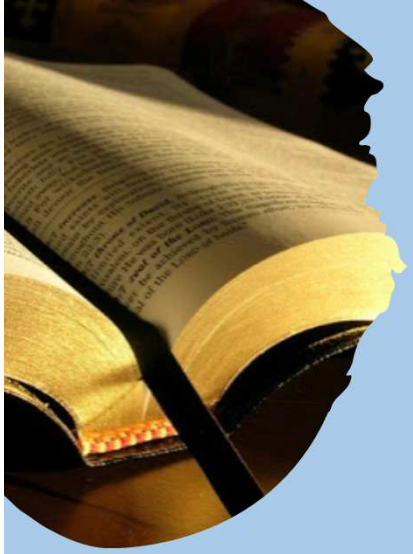


- No fim vencerá o bem. Este destino último de felicidade é imaginado pelo Apocalipse não como uma urbanização de parcelas privadas nas quais cada um desfruta dos seus próprios bens, mas como uma cidade. Na eternidade, assegura-nos o autor deste livro, continuaremos a viver em relação uns com os outros.

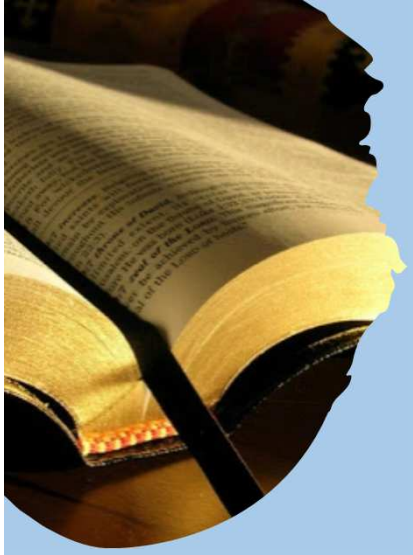
Não vi na Cidade nenhum Templo, pois o seu Templo é o Senhor, o Deus todo-poderoso, é o Cordeiro. A Cidade não precisa do Sol nem da Lua para ficar iluminada, pois é iluminada pela glória de Deus e a sua lâmpada é o Cordeiro. (Ap 21,22-23)



- Nesta cidade os humanos viverão em total confiança junto a Deus; e assim se cumprirá o desejo do Senhor desde o princípio da Criação.
- A história, que tinha começado com a expulsão do homem e da mulher do jardim do Éden, terá chegado, então, finalmente, ao seu destino.
- A casa definitiva da família humana é esta Jerusalém que desceu do Céu à Terra, na qual reina a fraternidade e uma comunhão plena com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

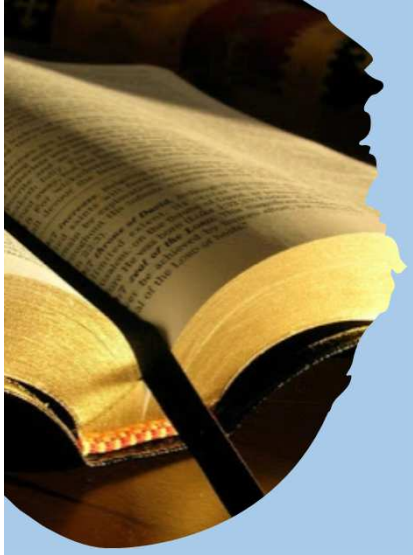


- O Apocalipse termina com um epílogo *(Ap 22,6-21)*, em que o vidente João nos assegura a veracidade das suas palavras e se despede com esta saudação, que põe fim à totalidade do relato da Sagrada Escritura: «A graça do Senhor Jesus esteja com todos. Amen!» *(Ap 22,21)*

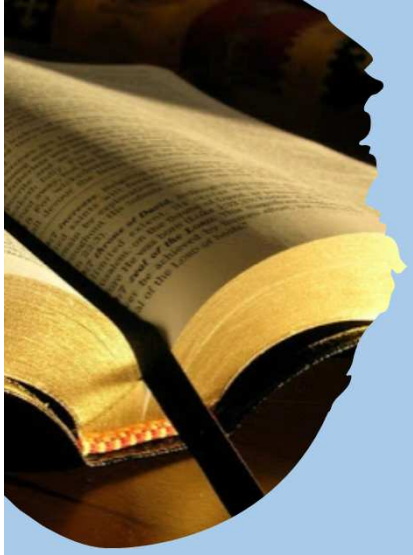


4) A mensagem do Apocalipse para hoje

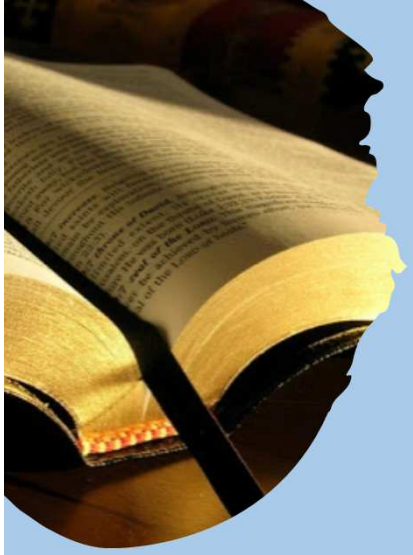
- O Livro do Apocalipse é o produto de um tempo de grande sofrimento. Um escritor experiente no género apocalítico procurou responder com este texto a perguntas das comunidades cristãs da Ásia Menor que sofriam a perseguição do império romano.
- Como podemos interpretar nós, hoje, a mensagem deste livro escrito nos finais do século I?



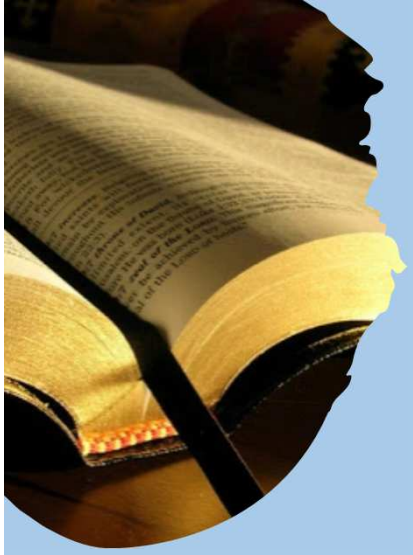
- O Apocalipse continua a ser para os cristãos um chamamento a não fechar os olhos perante a dor do mundo e ao compromisso com os problemas do nosso próprio presente, com o horizonte do futuro de felicidade que Deus prepara para toda a família humana.
- Constatamos que uma peculiaridade do livro do Apocalipse é o seu posicionamento radical. Em outros livros do Novo Testamento, a atitude face ao regime em que viviam os escritores e os destinatários, o império romano, era menos extremada.



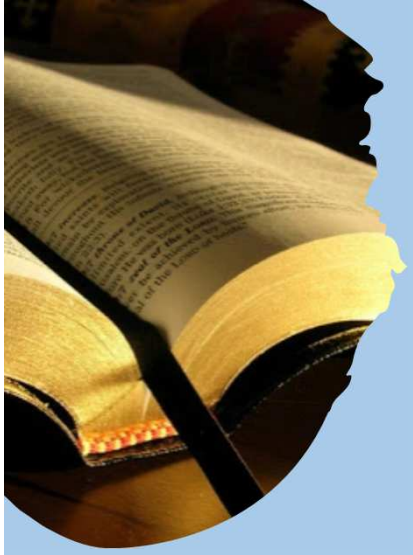
- Paulo, por exemplo, exorta os cristãos de Roma a submeterem-se às autoridades, «não só por temor ao castigo, mas por convicção» *(Rm 13,5; cf. 13,1-7)*. Lucas, especialmente no Livro dos Atos do Apóstolos, apresenta um Cristianismo que não tinha razões para entrar em conflito aberto contra o império.
- Desde o início, entre os cristãos houve diversas posturas políticas. Não é, pois, de estranhar que também hoje existam entre os crentes distintas opiniões sobre temas políticos, sociais ou culturais.



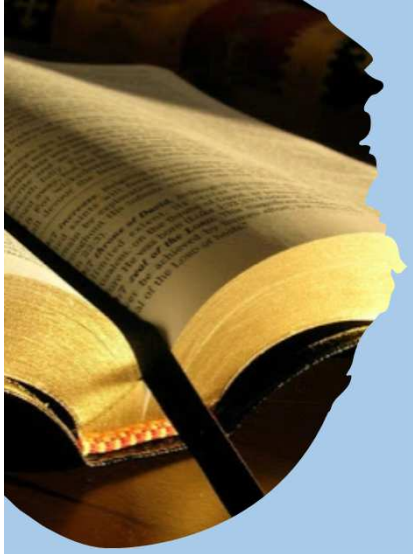
- O que não é opcional, no entanto, é o compromisso com a realidade. O Apocalipse convida todos os seus leitores a não se esquecerem do sofrimento humano e a trabalharem para fazer desta Terra um lugar mais habitável.
- Contra o que afirmaram os visionários e os charlatães, o Apocalipse não é uma coleção de predições sobre o final dos tempos. Não é um livro que nos diga em que ano vai acabar o mundo, mas que nos mostra para onde vai, e qual é a finalidade da vida humana sobre a Terra.



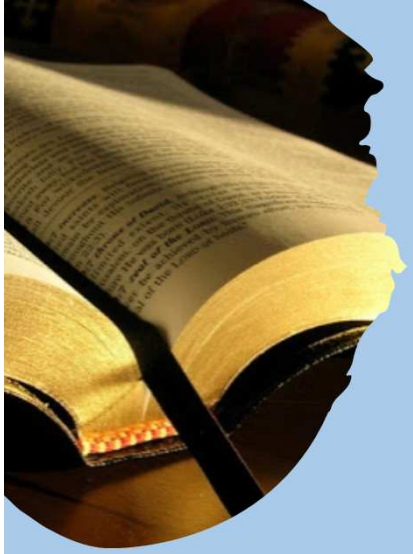
- Os físicos afirmam hoje que tal como o universo teve um princípio terá um final, dentro de biliões de anos; e muito provavelmente a nossa espécie extinguir-se-á muito antes.
- Para a Bíblia, o começo e o fim da Humanidade não são pontos na linha do tempo: são o princípio e o fim de uma narrativa.
- A realidade que habitamos está dotada de sentido, porque tem um relato: a história da Salvação que a Bíblia narra, começando pelo Génesis e terminando com o Apocalipse.



- O Livro do Apocalipse fala-nos do passado, Cristo morto e ressuscitado, e do futuro, a Jerusalém celeste, mas dirige-se, sobretudo, ao presente.
- Ensina-nos que o mundo é, também hoje, um cenário de luta entre o bem e o mal, entre o Dragão feroz e a Mulher grávida; e chama-nos a cantar um «cântico novo» perante os sistemas de poder, culturais e políticos que embrutecem o ser humano.
- Apesar das suas imagens violentas e do seu radicalismo extremado, a sua mensagem é sempre vencer o mal com a força do bem.



- Com o Apocalipse, o longo percurso da história da Salvação, atestada em cada um dos livros da Bíblia, chega ao fim.
- Nos últimos capítulos, apresenta-se diante dos nossos olhos a Jerusalém celeste, imagem da fraternidade definitiva de uma Humanidade reconciliada com Deus.
- Com este acorde maior conclui-se a longa sinfonia de múltiplas vozes que é a Sagrada Escritura.



Poderá visualizar o seguinte link:

https://www.youtube.com/watch?v=vVU-tylGjQw

(Atenção: Os vídeos apresentados são brasileiros, e apesar de serem úteis para melhor se entender a Bíblia, não são produzidos por instituições da Igreja Católica, mas de Igrejas Protestantes. Teremos de ter em atenção que alguns livros do Antigo Testamento não estão incluídos na Bíblia Protestante.)